

# 150 ANOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL: PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DOS SABERES

## 150 YEARS OF ITALIAN IMMIGRATION IN BRAZIL: PRODUCTION AND CIRCULATION OF KNOWLEDGE

Maria Aparecida Fontes\*  
Walter Zidarič\*\*  
Fabiola Padilha\*\*\*

Para celebrar os 150 anos da imigração italiana no Brasil, a Università Degli Studi di Padova, em cooperação internacional com a Universidade Federal do Espírito Santo, organizou, nos dias 26 e 27 de novembro de 2024, o *Congresso Internacional 150 Anos da imigração italiana no Brasil: produção e circulação dos saberes*. Esse evento teve como objetivo celebrar uma história rica em cruzamentos culturais, urbanos, políticos, artísticos, literários e cinematográficos, resultado de um Brasil italiano e uma Itália brasileira. Uma história de imigração que parte de "nós-outros" em direção a "todos-nós", criando a possibilidade de diálogo e trocas político-culturais e artístico-literárias entre os dois países.

A fim de aprofundar essa reflexão, o ponto de partida do projeto foi e continua sendo considerar o trabalho da cultura como um ato insurgente e analisar como as relações ítalo-brasileiras, ao longo dos séculos, construíram um intenso processo de interlocução tanto cultural quanto econômica e política. Interrogar

\* Professora do Departamento di Studi Linguistici e Letterari (DISLL) da Università degli Studi di Padova. [maria.fontes@unipd.it](mailto:maria.fontes@unipd.it)

\*\* Diretor do Departamento de Italiano da Faculdade de Línguas e Culturas Estrangeiras da Nantes Université. [walter.zidaric@univ-nantes.fr](mailto:walter.zidaric@univ-nantes.fr)

\*\*\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. [fabiolapadilha27@gmail.com](mailto:fabiolapadilha27@gmail.com)

acerca dessas insurgências histórico-culturais exige um constante encontro com o novo, um repensar as fronteiras enunciativas de outras vozes da história que fazem parte de nosso cotidiano, de nossa cultura e de nossas cidades.

Um exemplo emblemático desse processo de interlocução e interculturalidade é a multiplicidade de abordagens sobre as diferentes fases do movimento migratório italiano para o Brasil. A expansão italiana no mundo, que se iniciou antes de 1874, envolveu aspectos econômicos, culturais e políticos. Para o Brasil, um marco importante nesse processo foi o casamento da princesa napolitana do Reino das Duas Sicílias Teresa Cristina com o jovem Imperador brasileiro D. Pedro II em 1843. Essa união, que atendia a um antigo desejo da família real portuguesa de se aliar aos Bourbon de Nápoles, fortaleceu os laços entre as casas reais dos Bragança e do ramo italiano dos Bourbon, desencadeando, para além da almejada atividade comercial, trocas muito frutíferas que deixaram um legado duradouro para o nosso país. Após a sua chegada ao Rio de Janeiro, que marcou definitivamente as relações culturais entre Brasil e Itália, contavam-se mais de trezentas famílias de imigrantes italianos: farmacêuticos, engenheiros, arquitetos, professores, artistas, trabalhadores informais, proporcionando, já naquela época, um fluxo de pessoas e objetos entre ambos os países. Deve-se a imperatriz Teresa Cristina, por exemplo, a construção da Coleção Mediterrânea do Museu Nacional da Quinta da Vista, iniciada em 1854 a pedido de Frederico Burlamaqui. Graças à dedicação da Imperatriz ao campo arqueológico, o Brasil ostentou, por muitos anos, a maior coleção de arqueologia clássica da América Latina.

Nesse contexto de trocas culturais e das boas relações diplomáticas entre ambos os países, o Brasil, já fazendo as contas com o processo de abolição do trabalho escravo, antecipou medidas estratégicas para suprir a demanda por mão de obra em suas extensas propriedades rurais e centros urbanos. Atraídos pela propaganda populista dos governos latino-americanos que promoviam a imigração, incentivados pelas empresas de transporte marítimo, especialmente genoveses, e diante da grande crise agrária que assolava a Europa em 1880, um número considerável de italianos emigrou para o Brasil. Ali, no imaginário

desses imigrantes, surgiria uma grande nação latina, culturalmente ligada à Itália e à Europa. Essa história simbolicamente teve início com a partida do veleiro La Sofia, que zarpou do porto de Gênova em 3 de janeiro de 1874 rumo à cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, e chegou em 21 de fevereiro, marcando o início do processo migratório em massa de italianos para o Brasil. Nesse período, nasceu a pequena Santa Teresa, a primeira cidade italiana no Brasil, na qual, ainda hoje, 90% dos habitantes são de origem italiana.

Esse processo migratório de massa, iniciado com a chegada do La Sofia, deu-se em fases distintas. A primeira, entre 1874 e 1910, visava à fixação dos imigrantes em áreas rurais, por meio da criação de colônias agrícolas de subsistência. Essa divisão fica evidente nos dados apresentados por Emilio Franzina em *La terra ritrovata. Storiografia e memoria della prima immigrazione italiana in Brasile* (2014): em 1891, 293.631 italianos partiram da Itália e 175.520 deixaram o Vêneto, dentre os quais, 68.417 foram para o Brasil e para a América meridional. A magnitude desses números demonstra a intensidade da migração italiana para o Brasil nesse período inicial, com foco na colonização agrícola.

A segunda fase da migração italiana para o Brasil apresentou uma dinâmica distinta. O país já era percebido como um mercado promissor, capaz de absorver produtos italianos e oferecer oportunidades de investimento. A visão idealizada da Itália, difundida por viajantes e artistas, contribuiu para fortalecer a imagem do país como berço da arte, da cultura e da modernidade no imaginário brasileiro. Essa nova perspectiva, que transcendia a Itália renascentista e romântica, de Leonardo Da Vinci, Michelangelo, Botticelli, Rafael, ou por aquela de tons românticos de um Leopardi, Verdi e Puccini, abrangia uma Itália moderna, cujas ideias e projetos estéticos e políticos influenciaram o discurso modernista no Brasil e em outros países da América Latina.

Contemporaneamente, a comunidade italiana já estabelecida no país passou a desempenhar um papel crucial como intermediária desse processo, fortalecendo os laços culturais entre as duas nações e estimulando o comércio bilateral, sobretudo a partir da primeira metade do século XX com a expansão industrial nas metrópoles, especialmente em São Paulo. Esse fato atraiu muitos imigrantes italianos pobres que se concentraram em bairros étnicos. Os oriundos de classe social mais abastada e com um bom nível de escolaridade ascenderam socialmente e passaram a ocupar posições de destaque na sociedade brasileira, especialmente nas regiões mais ricas do país.

Embora essa política de imigração e colonização tenha contribuído para o crescimento das cidades e para o desenvolvimento artístico e cultural do país, ao favorecer os imigrantes europeus, colaborou para a marginalização de outros grupos étnicos, como os afro-brasileiros, os povos indígenas e os “brancos pobres”. As consequências dessa política são complexas e perpassam a formação de uma sociedade marcada por desigualdades sociais e raciais.

Além disso, estudos articulados demonstram que a história das ideias e das ideologias, como agentes de mudanças sociais, se revelam um elemento fundamental para compreender as dimensões política, cultural e sindical das emigrações italianas. A emigração alterou significativamente o mercado de trabalho e a composição de classe, tornando essas categorias essenciais para analisar seus impactos econômicos, políticos e socioculturais. Impulsionada por essa dinâmica, a emigração italiana se relacionava com a estrutura emergente do capitalismo na Itália e com a evolução do capitalismo mundial.

A partir dos anos 1950, a terceira fase da imigração italiana apresentou características distintas. Houve um aumento da migração individual, composta por pessoas com maior grau de escolaridade, em busca de oportunidades nas novas indústrias e cooperativas instaladas no Brasil. Esse novo perfil contrastava com a imigração em massa do final do século XIX e início do século XX, marcada pela vinda de famílias camponesas, em geral com baixo nível de escolaridade, pobres. Conduzida por transformações econômicas e socioculturais tanto na

Itália quanto no Brasil, essa nova fase da imigração foi fundamental para moldar a história e a cultura do país. No imaginário coletivo brasileiro, havia uma Itália representada não apenas pela pasta e pela pizza, mas por uma imagem de inovação e vanguarda, revelada pela arquitetura de Lina Bo Bardi, pela criação de museus, pela renovação das artes e pelo cinema neorealista italiano, com seu foco atento à realidade e à condição humana, exercendo uma profunda influência sobre os artistas brasileiros. A Itália de Roberto Rossellini, Vittorio De Sica, Luchino Visconti, nas palavras de Nelson Pereira dos Santos, nos ensinou a encontrar um atalho que uniu o capital e as condições técnicas à nossa realidade. Esse horizonte cultural e político parece ter realizado o sonho de Sérgio Buarque de Holanda, que, já no início dos anos 1950, havia evidenciado as “raízes italianas do Brasil”, sublinhando os poderosos laços históricos entre “dois povos, duas culturas tão distantes entre si no espaço, mas tão próximas nas suas raízes, comuns e seculares”.

Além de questionar o processo migratório, que permite uma abordagem particularmente elucidativa dos diversos fenômenos de encontro entre culturas, de transformação e de comunicação – mas também de dificuldades, conflitos e dissensos –, o objetivo deste dossiê, que reúne os textos apresentados no Congresso, é refletir, por meio de perspectivas interdisciplinares e de forma sincrônica e/ou diacrônica, sobre as influências e o impacto do movimento migratório italiano e seus desdobramentos na produção e circulação dos saberes, contribuindo para o desenvolvimento de um Brasil plural. É igualmente importante avaliar criticamente o patrimônio centenário desses atores sociais, inseridos nas redes internacionais em que, ainda hoje, seus descendentes atuam.

Agradecemos ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade de Pádua e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, que acolheram nossa proposta; ao editor-gerente da revista *Contexto*, Prof. Dr. João Claudio Arendt, e à sua equipe editorial, pelo apoio; bem como aos autores e leitores.